

6 Considerações Finais

Procurei, ao longo deste trabalho, ler o campo de pesquisa numa perspectiva de ouvir os sujeitos, buscando conhecê-los e entendê-los nos sentidos que dão às mídias e aos modos como as utilizam. Busquei dialogar com suas falas, trazendo contradições, caminhos que se cruzam, concepções, enfim, analisando a polifonia que os caracteriza.

Analisando as salas de leitura pólo numa perspectiva histórica, tentei compreender como esses espaços foram se construindo e se transformando. Do acervo que os constitui aos profissionais e práticas neles desenvolvidos, observamos grandes mudanças. O conceito de leitura de textos impressos ganhou nova configuração, passando a ser valorizada a leitura multimidiática, que contemple e forme os alunos em diferentes linguagens.

No sentido de alcançar estes objetivos, mudanças contínuas foram sendo feitas nos documentos oficiais que regem e regulamentam as salas de leitura pólo no município do Rio de Janeiro, seja em relação a seus objetivos, sua constituição material ou à formação e atribuição dos profissionais que nelas atuam. Núcleos de mídia foram sendo implantados, materiais foram sendo atualizados, bem como os profissionais, através da oferta de cursos de aperfeiçoamento.

O que fica claro é que a questão da formação e da permanência do profissional nas salas de leitura é crucial se se pretende que existam práticas mídia-educativas nestes ambientes. Embora a Divisão de Mídia-Educação venha oferecendo vários cursos no intuito de formar melhor esse professor, a estrutura administrativa muitas vezes faz com que ele seja realocado, tornando o investimento um eterno recomeço e não permitindo uma continuidade no trabalho.

Além disso, verificamos também que esses cursos oferecidos contemplam muito mais uma parte prática, do produzir, do fazer mídias, do que discussões teóricas em torno do campo. Essa formação mais voltada para prática acaba fazendo com que os professores transponham isso para os alunos. Ou seja, ao utilizarem as mídias, eles se detêm muito mais na parte do ensinar a fazer, ainda que isso tenha se dado de forma criativa e consciente, do que nos outros aspectos propostos por Buckingham (2003). Ainda temos que caminhar no sentido de

compreender as mídias para além de seu aspecto prático, considerando os outros aspectos que as envolvem (mercado financeiro, audiência, representação...)

Portanto, a questão da formação profissional é crucial para que se elevem os níveis de qualidade do ensino e das propostas realizadas na sala de leitura. Quando falamos em profissionalização do professor, devemos nos remeter não só a cursos isolados, mas a políticas públicas mais amplas que aliem as necessidades do profissional da educação em relação a formação inicial e continuada, à previsão de recursos financeiros, assegurando as condições básicas de um exercício profissional competente para lidar com a complexidade da tarefa pedagógica nos diversos níveis de ensino e vivido com a dignidade que a profissão merece. Nesta perspectiva, uma proposta para a formação dos profissionais desta área deve considerar os avanços teóricos derivados das pesquisas e debates acadêmicos que se realizam no campo, bem como o conhecimento educacional do professor e o conhecimento produzido pela sociedade, para que, desse conjunto, possa ser oferecida a formação necessária que torne este profissional capaz de atuar como agente de transformação da realidade social.

No Brasil, e a partir do final da década de 80 e do início da década de 90, que toma novo "fôlego" e se consolida, na pauta das políticas e discussões educacionais, o debate em torno do campo da formação de professores. A partir da promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1996 – LDB 9.394/96 (BRASIL, 1996), várias medidas passam a ratificar um conjunto de reformas propostas pelo governo anterior e que ainda não foram questionadas ou modificadas pelo governo atual, dentre as quais destacam-se: os Referenciais para Formação de Professores (BRASIL, 1999), o Projeto de Estruturação do Curso Normal Superior (BRASIL, 2000b) e a instituição de Diretrizes para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica em Cursos de Nível Superior (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2002).

Também vimos que, se há profissionais afinados com conceitos mídiameducativos e com referenciais teóricos, eles têm vindo de fora, de suas formações iniciais e, estranhamente, de faculdades externas à área da educação. Isso demonstra a falha que pode estar ocorrendo nos cursos de Pedagogia, necessitando-se de mais estudos em torno dos currículos oferecidos nestas faculdades, no intuito de perceber melhor o que está sendo oferecido à maioria

dos professores com relação às questões das mídias, de suas concepções e de seus usos.

Devemos considerar, portanto, que já está na hora da escola abarcar a mídia-educação numa perspectiva transdisciplinar, formando continuamente não só os professores de sala de leitura, mas os professores regentes de todas as disciplinas, buscando transformá-la em apropriação de todos e não em “projetos” de alguns. Assim, é preciso que as mídias estejam na escola também pela convicção dos docentes sobre essa necessidade, e não apenas por uma pressão social externa ou porque já não temos mais como deixá-la de fora do ensino. Formar, informar e fazer com que os professores se apropriem e utilizem as mídias porque reconhecem nelas sua função transformadora, criativa e comunicativa, certamente, tornará suas práticas muito mais conscientes, reflexivas e construtivas, afinando-se cada vez mais com o que se tem chamado de mídia-educação.

Assim, se a questão da produção, da possibilidade de criação por parte dos alunos, de sua função ativa na construção de seu conhecimento, através do uso das mídias, vêm ganhando força não só nos discursos dos professores, mas também em suas práticas, reconheço que ainda temos um longo caminho a percorrer. Essa caminhada deve ser dada principalmente no sentido de melhorar qualitativamente e quantitativamente a formação dos profissionais do ensino.

A escola não tem mais como ficar de fora das transformações que ocorrem na sociedade e no mundo de forma espantosamente rápida, em termos de tecnologia e comunicação, nem tampouco pode querer delegar a função de utilizar estas novas tecnologias nas mãos de uns poucos profissionais.

Termino este trabalho com a certeza de que estamos na direção das mudanças, e do que elas vêm propondo no campo de estudos em mídia-educação, mas com a sensação de que, se continuarmos nesse ritmo lento de transformações, quando nos dermos conta, as idéias e concepções já serão outras e teremos novamente, perdido o bonde no caminho. Assim, mais pesquisas são urgentes e necessárias no sentido de tentar apontar sugestões práticas de como viabilizar que a escola e os profissionais do ensino cheguem mais perto do que já tomou conta da vida fora dela, fazendo isso de uma forma cada vez mais consciente e crítica.